



O mestre - escola - esse sacrificado...

(cont.)

- fls. 2 -

uma mistura de pequenos e grandes, e o professor a dividir o seu tempo entre ensinos a meninos de diferente gradação intelectual. No ano seguinte, fundado o 1º Grupo Escolar de Campinas, - o grupo "Jorge Tibiriçá" que também, mais tarde, mudou de nome, foi o nosso "mestre" nomeado diretor e os alunos distribuídos por várias classes, e postos em cotejo com meninos de outras escolas públicas que ali, no largo de São Benedito, se reuniram entrando a compor um novo organismo escolar. Fomos passando para outras regiões de mestras e mestres: Maria Volkart, irmã de Cristiano, Francisca Romana Leite, Artur Segurado, Joaquim Ladeira, Luís de Campos, Artur Raggio Nobrega e, a intervalos, o próprio Cristiano.

Dele, como desses professores das primeiras classes, ficou em todos nós a impressão indelével do amigo do homem, com meia autoridade paterna, que sabia coisas, ciências, noções e problemas que, ao nos serem expostos, traçados ou desenhados, o elevavam na nossa admiração com contornos extraordinários.

Acredito que seja essa, em geral, a impressão que deixa o professor primário nas suas classe. Ao tempo daquela escola pública o professor era simplesmente "o mestre"; nunca o chamávamos de outra forma.

Do corpo docente do 1º grupo alguns tiveram projeção maior. De todos eles, Cristiano Volkart e Raggio Nobrega foram os que, pela diversidade da cultura e dos estudos - pois não se limitaram a ensinar meninos das primeiras classes - chegaram a maior altura no campo do intelecto. É claro, no entanto, que isso nós então não poderíamos perceber; para o aluno de uma classe preliminar o "mestre" ou a "mestra" é a pessoa de maior preparo, de maior valor, de maior autoridade, e isso quer em confronto com os mestres de outras classes como, principalmente, com os de outras escolas. Para nós, os do 2º grupo, logo depois criado, não sabiam nada; a ciência ficara entesourada nos mestres do 1º...

Concluídos os quatro anos de grupo e completados pelos do Ginásio (hoje Colégio) perdi o contato com aqueles homens que, de tanto em tanto, encontrava e sabia que continuavam a exercer o magistério com a mesma assiduidade, a mesma correção, o mesmo desvelo, ensinando as mesmas coisas, as mesmas formulas - o símbolo do hidrogênio, a velocidade do som, os donatários das capitânicas, a invasão holandesa, as frações próprias e impróprias... Enquanto eu - e, como eu, tantos outros alunos daquelas classes preliminares - ia alargando conhecimentos, colhendo noções novas e amplas, embrenhando-me pela literatura, pelas línguas estrangeiras, pela história recente e antiga, pelo direito, pelas ciências sociais - eles, em maioria, continuavam metódicos, nos mesmos estudos, nas mesmas leituras, naquela atividade igual e monótona.

Um dia, a propósito de qualquer fato, e quando eu já andava pelo terceiro ou quarto ano de direito, com essa petulância e as pretensões peculiares aos "frangotes", e metido, concomitantemente, a reporter e redator de jornal citadino, defrontei-me com um dos antigos mestres, que continuava a dar lições a meninos e meninas

Estabeleceu-se debate a respeito de qualquer assunto e a minha petulância se refreou, porque ali estava eu ante um homem provecto que, em tempos idos, conquistara na nossa classe uma admiração fervorosa: guardei-me e esperei que se manifestasse e nos elucidasse. Mas, com grande surpresa, surpresa dolorosa, o que ele expôs eram juízos infantís, incolores, vulgarríssimos. Não acompanhava o debate na altura em que o debate havia sido posto (assuntos ligados à outra guerra, lá por 1915). Sofri uma decepção enorme, como se daquela altura em que a minha imaginação de menino os havia colocado, desabasse ~~o~~, inopinadamente para o chão, onde rabejava com seus tão pobres argumentos. Aquela admiração começava a transformar-se numa especie de comiseração por aquilo que me pareceu decadência progressiva.

O mestre - escola - esse sacrificado...

(cont.)

- fls. 4 -

Narrando este fato e esses juízos a Sud Mennucci, numa das noitadas que ele fazia tão vivas e saborosas, ele - que tinha pelo professor primário um culto veemente, quase religioso, explodiu em observações atropeladas :

- E sua impressão qual foi, ouvindo esses juízos mofinos do antigo mestre?

- Foi de decadencia mental, de retrocesso.

- Aí é que está o seu erro e a sua injustiça; e aí é que está a situação trágica do mestre-escola - e acentuava, com ímpeto, o termo "trágica!" Eles não decaíram, porque <sup>prote</sup> progrediu, você que avançou. Eles, os coitados "ficaram" - no hidrogênio, nas capitâneas, no conde de Bobadela, nas frações impróprias. Considere isso e responda depois se eu não tenho razão: o professor, à força de ensinar meninos, durante anos e anos, falando uma língua que os meninos compreendem, raciocinando como meninos e mantendo esse nível reduzido para progresso da classe, acaba "ficando" - compreende voce? - ficando naquelas noções, naquele raciocínio, naquele nível de inteligência. Os meninos passam, crescem, instruem-se, abrem a inteligência - e ele, o "mestre", que parecia saber tanta coisa, fica naquela pobreza até o fim da vida... Não é mesmo, trágico um destino desses?..."

E como nós assentíssemos, pois o problema só ali nos era corajosamente desvendado, Sud acrescentou: - É por isso que eu sou apontado, em tom de mofa, como "mãe da classe", e isso porque tenho tido a coragem de chamar a atenção dos nossos governantes para essa situação do professor primário, reclamando para esses sacrificados um apoio maior, uma consideração mais declarada e melhores proventos.

Dessa serie de considerações enveredamos para outras, e foi o ensino primário, e os rumos da sua "ruralização" que nos

O mestre - escola - esse sacrificado...

(cont.)

- fls. 5 -

desvendaram esse novo panorama, sobre o qual jamais eu demorara a vista e os estudos. Sud Mennucci empregava, nesses debates, não só o entusiasmo que o assunto despertava, mas o conhecimento cabal de todas as questões que nesse campo se entrelaçavam: a modificação de programas e planos adequados ao fito do ensino rural, a disseminação do ensino através de escolas que não fossem apenas escolas de meninos da cidade, mas de meninos de roça e de fazenda, sem deixar à margem como funcionário de segunda categoria, o professor, "o mestre-escola", único sacrificado em toda essa marcha progressista, porque era o único que dava quanto possuía em saber e em esforço, geralmente em saúde, e ficava com o pouco que tinha; enquanto discípulos, classes e ouvintes atentos, cresciam, prosperavam, aumentavam o contingente de conhecimentos, e enriqueciam; ele, o quase pária, lá ficava, na sua classe, com o seu livro de leitura, o seu caderno de "ciências", o seu globo e a sua lousa. Lousa que era, a bem dizer, a lápide mortuária de uma vida de abnegado.

o o o o o

Estas recordações e juízos de um grande amigo - que era, certamente, o mais eficiente amigo e defensor do professorado público, vêm-me agora à pena, de envolta com as doces impressões de meu início escolar, ao ter conhecimento de uma homenagem que em Campinas (sempre Campinas...) se projeta ao "professor primário". O vereador Floriano Peixoto de Azevedo Marques apresentou à Camara Municipal um projeto de lei para a erecção de um monumento ao professor primário, que deverá ser colocado numa das praças públicas da cidade. E indicou, mesmo o local dessa colocação - um bairro novo, do Jardim Chapadão, na avenida Brasil - isto é, bairro alto, sobranceiro, do qual se dominam extensas baixadas em que a cidade ferve com sua vida in

O mestre - escola - esse sacrificado...  
(cont.)

- fls. 6 -

tensa de comércio, indústria e belas artes, e em cujas ruas os alunos de escolas, primárias, médias e superiores põem a nota da alacridade e da efusão.

A idéia que inspirou esse projeto é de alta finalidade educativa. Assim outros centros populosos e cultos a seguissem, levando em suas praças logradouros um monumento evocativo do nome e da vida do professor primário, primeiro elo que põe o menino, o filho-famílias em contacto com o mundo e a sociedade de que ele é parte ignorada, e da qual, com aquele princípio, virá um dia, certamente, a ser figura valorosa, talvez egrégia.

O professor primário - salvo exceções que não são, assim, tão numerosas - é o homem (será, igualmente, a mulher) que dá o seu sabor, o seu ensino e o seu exemplo, às classes atentas (ou desatentas) e se esbofa, e se esfalfa para meter na cabeça dos mais empedernidos aquelas noções básicas que são como as primeiras pedras de um alicerce esquecido de grande edifício. Quando o edifício ostenta linhas majestosas, quem se lembrará da alvenaria escura que serviu de apoio às primeiras camadas da coluna?

É justa e bem inspirada essa lembrança. E, se não basta para resgate de uma dívida de gratidão, servirá para amortizar a dívida, e o credor, modesto e humilde, mas eficiente na sua obscuridade, se sentirá bem pago de tudo quanto fez, porque sabe que é com aquela argamassa inicial que se edificam os casebres e os palácios ou se aprimoram e alindam os contornos da inteligência, como o Estatuário faz com a massa bruta, informe e dura da pedra, na página imorredoura de padre Antonio Vieira .

São Paulo, 15-X-1950